

## PELA CONTINUIDADE DE AFETOS, DIÁLOGOS E RESILIÊNCIAS: LITERATURA PORTUGUESA E AS LITERATURAS DE LÍNGUA PORTUGUESA NO MUNDO PÓS-PANDEMIA

Dando continuidade à proposta do número 57 da *Itinerários – Revista de Literatura*, este número 58 também reúne artigos advindos de conferências, palestras, mesas plenárias, mesas semiplenárias e comunicações orais proferidas durante o XXIX Congresso Internacional da ABRAPLIP (Associação Brasileira de Professores de Literatura Portuguesa), cujo tema central foi “Afetos, diálogos e resiliências: a literatura portuguesa e as literaturas de língua portuguesa no mundo pós-pandemia”.

Os temas abordados nos trabalhos demonstraram a vastidão e a diversidade do evento. Várias linhas de força da literatura portuguesa, das africanas de língua portuguesa e/ou da comparação com a brasileira, foram exploradas, sendo destaque o tema da literatura portuguesa contemporânea. É o que vemos no artigo “Apropriação política da memória em ‘Melhor a ementa que o cianeto’, de Ana Margarida de Carvalho”, em que Adriana Gonçalves da Silva analisa o protagonista do conto publicado em 2016, na coletânea *Uma terra prometida*, explorando o modo como o sistema político ali representado vale-se de estratégias para manipular a memória coletiva e individual.

Em “Biografia involuntária da escrita”, Eliana da Conceição Tolentino, valendo-se de cabedal teórico acerca da melancolia e da escrita, faz uma leitura crítica do romance *Biografia involuntária dos amantes*, publicado, em 2017, por João Tordo - mais um dos exponenciais da novíssima ficção portuguesa.

“‘O outro é o rio que persigo’: a psicocrítica textual em Teolinda Gersão”, de Rodrigo Felipe Veloso, sob um viés psicanalítico, explora a construção da cosmovisão do escritor na narrativa *O regresso de Julia Mann a Paraty*, com base em postulados de autores como Jean Bellemin-Noel, Dayan-Herzbrun e Miskolci.

Paulo Ricardo Kralik Angelini, em “Gente sem mundo: o falhanço da civilização na obra *A charca*, de Manuel Bivar”, faz uma análise do referido romance sob a perspectiva do esfacelamento da civilização e o reencontro do homem com uma natureza primordial, selvagem e brutal.

Em “Questões de mentalidade na literatura portuguesa contemporânea: a revolução dos cravos na longa duração”, Roberta Guimarães Franco lê os sentidos da Revolução de 1975 representados, na literatura portuguesa atual, focando em questões como as das memórias diaspóricas.

Mas também há pesquisas que se voltam para a literatura portuguesa dos séculos XIX e XX, como o texto de Verônica Prudente Costa, em “A produção de Francisco Gomes de Amorim sobre emigração em periódicos e cartas do século XIX”. Ela analisa as publicações do escritor português que se mudou para a Amazônia em 1837, tendo elaborado diversas reflexões acerca de temas como as desigualdades sociais vivenciadas por ele na Amazônia e a experiência da emigração portuguesa para o Brasil.

No artigo “Maria da Cunha no Brasil: uma poetisa que amava mulheres”, Eduardo da Cruz apresenta alguns aspectos biográficos da escritora portuguesa que viveu no Brasil no começo do século XX, destacando a importância de figuras femininas em sua produção, a afetividade por mulheres e o modo como nosso país é representado em seus escritos.

Na sequência, em “À procura da beleza: o exílio de António Botto”, Maria Lúcia Outeiro Fernandes analisa como a busca incessante pela beleza corresponde a uma constante experiência do exílio na lírica bottiana. Desse modo, a autora ressalta sentidos diferentes tanto para o termo “beleza”, quanto para o termo “exílio”, invocados no título.

Já Luciana Éboli, em “A sacralidade e o desejo na peça teatral *A pécora* de Natália Correia”, analisa a presença feminina na peça *A pécora*, de Natália Correia, escrita e censurada em 1967. Para tal, toma como base os estudos de Elaine Showalter, sobre tabus sociais e a repressão da mulher, e Chimamanda Ngozi Adichie para pensar o papel feminino na atualidade relacionado à crítica transgressora proposta pela dramaturga no século XX.

Marcio Jean Fialho de Sousa, em “A crítica das obras autodiegéticas de Eça de Queirós no século XX”, elabora uma crítica da crítica queirosiana, apoiando-se na constatação de que os romances autodiegéticos do escritor foram menos privilegiados, pretende resgatar a parte da crítica de *O mandarim* e *A relíquia*, analisando principais características.

“As máquinas celibatárias de Herberto Helder”, de Paulo Braz, propõe uma leitura da presença das diversificadas máquinas que habitam a obra do poeta madeirense, percebendo dois problemas fundamentais: o do cruzamento entre fazer poético e ação maquinária e o da relação entre a máquina lírica herbertiana e a propiciação do sagrado.

Em “Portugal, povo de suicidas: uma leitura unamuniana d’*O ano da morte de Ricardo Reis* de José Saramago”, valendo-se de perspectiva dialógica, Ana Clara Magalhães de Medeiros apresenta as relações entre os postulados de Miguel de Unamuno e o andamento narrativo e os sentidos ético-estéticos do romance *O ano da morte de Ricardo Reis*, publicado por José Saramago, em 1984.

Já no artigo “*Aparição* de Vergílio Ferreira no cinema: (re)criação e (re) interpretação”, Raquel Trentin Oliveira faz uma análise comparativa entre o romance do escritor existencialista e o filme de Fernando Vendrell, de 2018. Para isso, parte

dos postulados de Linda Hutcheon, com foco no processo de transcodificação de um sistema comunicativo para outro e em seu consequente potencial de (re) interpretação e (re)criação.

Num olhar interessante sobre literatura portuguesa e ensino, insere-se o artigo de Larissa da Silva Lisboa Souza, “A lei de cotas e seus impactos no ensino de literatura portuguesa”. A estudiosa apresenta reflexões sobre as reformulações curriculares no ensino da literatura portuguesa, com foco no alunado contemplado pelas Leis 12.711/12 14.723/23. Assim, busca contribuir com novas diretrizes de ensino, que revelem a importância da dinamicidade das aulas e a legitimação de diferentes leituras que reinterpretem o passado colonial.

Ampliando o universo de reflexão, pesquisas e artigos contemplam também estudos das literaturas africanas de língua portuguesa, tanto especificamente, quanto em comparação com as literaturas portuguesa e/ou brasileira. É o caso do texto de Rodrigo Valverde Denubila, chamado “Ficção científica afrofuturista: entre ancestralidade, marginalidade, ciência e pertencimento”, em que o autor investiga a estética afrofuturista, descrevendo algumas de suas características, abordando o gênero literário ficção científica e aspectos históricos e culturais africanos.

Em perspectiva comparatista, Carlos Henrique da Fonseca, em “De Jorge Amado a Evel Rocha: a juventude marginalizada em literaturas de língua portuguesa”, aborda diálogos possíveis a partir da representação de crianças em situação de vulnerabilidade nas seguintes obras: *Capitães da areia*, do brasileiro Jorge Amado; *Esteiros*, do português Soeiro Pereira Gomes; *O meu nome é Legião*, do também português António Lobo Antunes; e *Marginais*, do caboverdiano Evel Rocha.

Simone Caputo Gomes, em “*Amanhã amadrigada* 30 anos: a literatura de Vera Duarte de Cabo Verde para o mundo”, por ocasião da efeméride das três décadas de publicação do livro de poemas de uma das maiores escritoras caboverdianas, explora temas como o da resistência à ordem patriarcal e o da emancipação das mulheres, revelando como a poesia crioula da autora projeta-se a dimensões planetárias.

Já Sávio Roberto Fonseca de Freitas, aproveitando a mesma efeméride, no trabalho “*Amanhã amadrigada*, de Vera Duarte: 30 anos de exercícios poéticos com sal, mar e corpo”, faz a análise de alguns dos poemas presentes no livro publicado em 1993, verificando os sentidos estabelecidos pelos elementos sal, mar e corpo.

Em seguida, no texto ““Em nome do progresso e da unidade das forças combatentes””: fidelidade e inimizade em *As lágrimas e o vento*, de Manuel dos Santos Lima”, Renata Flavia da Silva analisa os regimes de alteridade presentes no livro de 1975, com base teórica em autores como Stuart Hall, Umberto Eco e Giorgio Agamben.

Escrito a quatro mãos, o artigo “Colonialismo e inscrições sociais: trauma e depoimento em *A verdade de Chindo Luz*, de Joaquim Arena”, de Daniel Marinho

Laks e Carla Alexandra Ferreira, propõe-se a discutir as relações entre memória, violência e inscrição social do sujeito no referido romance.

Alguns trabalhos também se valeram da comparação entre a literatura portuguesa e a brasileira. Sérgio Guilherme Cabral Bento, em “O digital na poesia: considerações sobre o contexto lusófono”, relaciona poemas contemporâneos de língua portuguesa com o fenômeno tecnológico da revolução computacional e digital, explorando pontos de vista como: a materialidade poética gerada pela máquina, poemas que incorporam elementos do universo tecnológico e o uso de plataformas de vídeo e redes sociais como veículo de transmissão e distribuição de material poético.

“Alegorias da casa em ruínas nos romances de Hatoum e Lobo Antunes”, de Tatiana Prevedello, apresenta uma leitura comparativa entre os romances *Relato de um certo Oriente* e *O arquipélago da insônia*, evidenciando a relação entre o espaço da casa e os escombros de memórias que sobrevivem ao passado.

Por último, Silvio Cesar dos Santos Alves, em “Tradição e atualidade em certa poesia brasileira contemporânea”, com ênfase no tema dissídio como modo de pensar em alguns poemas brasileiros contemporâneos, busca aprofundar esse tema, tendo em vista o fato de que parte dessa nossa nova poesia apresenta sinais de leitura da poesia portuguesa.

Assim, encerramos o número 58 da *Itinerários – Revista de Literatura*, demonstrando, pela diversidade dos trabalhos, algumas linhas de força da literatura portuguesa e de outras literaturas vernáculas, lidas e pensadas no atual contexto pós-pandemia de covid-19.

Rodrigo Valverde Denubila  
Gustavo de Mello Sá Carvalho Ribeiro  
Jorge Vicente Valentim